

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n35.19>

Núpcias veranescas camusianas: sobre *Bodas em Tipasa*, de Albert Camus

Camusian summer nuptials: on Bodas em Tipasa, by Albert Camus

Arthur Freire Simões Pires*

Uma breve observação sobre a trajetória de vida de Albert Camus faz com que todos tenham ciência de que o escritor teve participação importante na vida pública francesa e, antes, superara a miséria em sua Argélia natal – e daí até se formar filósofo e dar início à carreira de jornalista. Na esteira de suas produções, portanto, encontram-se títulos românticos, como *L'étranger (O estrangeiro)* [1942], e ensaísticos filosóficos, tal qual *L'homme révolté (O homem revoltado)* [1951], e, em meio a essas classificações, há *Bodas em Tipasa* [2021]. Rebatizado pelo tradutor brasileiro, o poeta e intelectual Sérgio Milliet, o livro, na realidade, opera como uma coletânea, pois congrega dois trabalhos de Camus em um volume só. A primeira parte, intitulada *Bodas* (originalmente *Noces [Núpcias 1938]*) e, depois, a obra *L'Été (O verão)* [1954].² *Bodas em Tipasa* se situa a meio caminho entre a filosofia camusiana e a sua literatura, pois consolida uma intensa intersecção que apresenta fragmentos biográficos, imersos em contextualizações profundas e alegóricas, de caráter iminentemente artístico; enquanto tensiona questões vinculadas ao expediente existencial e à absurdidade inerente da vida humana, em um casamento no qual os predicados prosaicos bebem também do ensaísmo de Camus. O volume segue uma lógica parecida com a primeira obra do autor, *L'envers et l'endroit (O avesso e o direito)* (2018a [1937]), dividido em ensaios lírico-filosóficos os quais se entrelaçam com as obras que, depois, marcariam o legado do escritor argelino.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

² Os textos presentes em *O verão*, na verdade, apresentam diferentes datas de redação, entre 1938 e 1953.

Bodas, primeira parte do volume, apresenta o jovem, por volta de seus 24 anos, extasiado pela viagem ao interior da Argélia, sob o Sol do verão e entre os perfumes da flora mediterrânea. Mais do que um breve registro de sua incursão nos diferentes relevos do Magrebe, o texto apresenta uma aclimação com propósito de evidenciar a artificialidade na relação europeizada (e desvinculada de seu litoral mediterrâneo e da cultura que vem em sua esteira) entre o ser humano e a natureza. “Mesmo aqui, sei que nunca me aproximei suficientemente do mundo”, deflagrou Camus (2021a, p. 14), “preciso ficar nu e depois mergulhar no mar, todo perfumado ainda das essências da terra, lavá-las nele, e enlaçar sobre minha pele o abraço pelo qual há tanto tempo suspiram lábios colados a lábios, a terra e o mar”. O trajeto, iniciado em Tipasa, com paradas em Djemila e Argel, ostenta o fato de que a sensualidade do corpo e a beleza natural compõem o mesmo tipo de ornamentação, uma da carne e outra da natureza, sem a subserviência de um em relação ao outro, qualquer valor preexistente à materialidade da vida.

Entrelaçado com a temática trabalhada em *La mort heureuse* (*A morte feliz*) [1971] e *L'envers et l'endroit*,³ o jovem Camus (2018a, 2018b, 2021a) dava movimento a ideias e argumentos acerca da relação do ser humano e do universo, a evidenciação do vazio que decorre da confrontação da humanidade com um falso devir de ser e estar neste mesmo mundo. O escritor argelino, em *Bodas*, renunciava, portanto, a questão do *absurdo*, conceptualização que viria a ser aprofundada mais tarde em seu ensaio *Le Mythe de Sisyphe* (*O mito de Sísifo*) [1942]. A vida despreendida de uma obrigação e um propósito superior, a aceitação do devir de morte, a incursão naturalasca pelo cenário que a humanidade compõe, é sobre isso que a primeira parte do livro trata.

O que me espanta sempre, visto que estamos tão dispostos a sutilar em outros assuntos, é a pobreza de nossas ideias acerca da morte. É um bem ou é um mal. Temo-a ou a espero (dizem). Mas isso prova também que tudo o que é simples nos ultrapassa. [...] Digo a mim mesmo: terei de morrer; mas isso nada quer dizer, porquanto não chego a acreditar e só posso ter a experiência da morte dos outros. Vi gente morrer. Sobretudo, vi cachorros morrerem. Tocá-los é que me transtornava. Penso então: flores, sorrisos, desejos de mulheres; e compreendo que

³ Primeira aventura romântica de Camus, redigida entre 1936 e 1937. Fora abordada e, no seu lugar, *L'étranger* se tornara o principal esforço de ficção do autor. Todavia, *La mort heureuse* teve seu lançamento póstumo, em 1971.

todo o meu horror de morrer está contido em meu ciúme de viver. Tenho ciúme dos que não de viver e para os quais as flores e os desejos os desejos de mulheres não de ter todo o sentido de carne e de sangue. Sou invejoso, porque amo demais a vida para não ser egoísta. Que me importa a eternidade. [...]. Para mim, diante deste mundo, não quero mentir nem que mintam para mim. Quero carregar minha lucidez até o fim e encarar meu fim com toda a profusão de minha inveja e de meu horror. É à medida que me separo do mundo que tenho medo da morte, à medida que me apego à sorte dos homens que vivem em vez de contemplar o céu que dura. Criar mortes conscientes é diminuir a distância que nos separa do mundo e, e entrar sem alegria na realização, consciente das imagens exaltantes de um mundo perdido para sempre (CAMUS, 2021a, p. 24-25).

Na segunda parte, leia-se *O verão*, a discrepância entre o sentimento de subúrbio do mundo, a reboque da solidão de uma cidade de pedra em comparação com os cenários de monumental ornamentação natural, aflora de modo veemente. Orã é tomada como ponto de comparação em relação a toda a formosura dos biomas argelinos, “capital do tédio, sitiada pela inocência e pela beleza”, conforme Camus (2021a, p. 82), que apresentam os contextos perfeitos da meditação humana, de seu encontro com a opacidade existencial e com a essência pacata do tecido urbano, importada das paisagens bucólicas.

Além disso, nas entrelinhas do discurso contemplativo e ao mesmo tempo abstrato, o autor, pouco a pouco, revela aspectos intrinsecamente atrelados ao núcleo duro de sua visão de mundo, a saber: o Sol como símbolo maior da lei que é o acaso, implacável sobre a vida humana, a noite como a solidão inevitável do espírito, a felicidade do devir humano na disputa contra sua gratuidade – em virtude da libertação das amálgamas morais –, a taciturnidade da natureza como normativa maior das regras existenciais e, acima de tudo, a consciência e a insurreição do ser sobre seu *status quo*. Nessa seara, não por acaso, Argel e Orã são palcos de suas reflexões e romances. Afinal, um dos principais pontos de Camus (2021) é destacar como a cultura mediterrânea se difere do expediente europeu. O lirismo do autor proporciona uma ornamentada argumentação que valoriza tudo o que está além da placidez do dito Terceiro Mundo, ou seja, o que as paisagens e os cenários esvaziados dos barulhos artificiais proporcionam para o espírito humano. Em outras palavras, ele valoriza a antinomia representada pela praia, pelas flores, pelas montanhas, pelos minerais

etc., face à lógica hierarquizante do cotidiano: o procedimento europeu de alçar a razão humana como imperativo da existência humana.

Incomodado pelo clima beligerante que se alastrava desde o território europeu, *O verão* também opera como um epítome de temáticas que Camus militaria mais fortemente no campo político durante e sobretudo depois da II Guerra Mundial, como, em especial, a questão do pacifismo. A ode sobre esse tema recai sobre a percepção de que o solo argelino representa certo refúgio, pois, quando o cotidiano se rende à marcialidade, ele se volta para a Argélia, onde “tantas forças ainda se acham intactas”; além disso, conhece aquelas terras o suficiente “para saber que são a terra eleita, onde a contemplação e a coragem podem equilibrar-se” (CAMUS, 2021a, p. 88).

Na esteira disso, entra a percepção do escritor acerca de seu papel enquanto ator social, na função de artista, pois sua concepção abarca uma atuação insurgente, de vocação crítica e provocadora – algo posteriormente enunciado em seu discurso no prêmio Nobel (CAMUS, 1957). O pensamento independente e minucioso de um criador, como foi seu caso enquanto literato e dramaturgo, acompanha suas vociferações contra uma intelectualidade alinhada com certo pragmatismo arrivista. Para Camus, qualquer aceno em favor de um regime totalitário (como feito com Stalin, por exemplo) era imperdoável e a atuação de intelectuais na tentativa de justificar, amargava as palavras do autor. Em sua visão, a filosofia, quando subvertida a esse mecanismo de legitimação da mortalha, limita-se a ser um dispositivo de triunfo pago ao custo da vida de outrem:

A filosofia moderna coloca seus limites no fim da ação. Eles não são, mas se tornam, e só os conhecemos por inteiro no término da história. Com eles, o limite desaparece, e como as concepções diferem acerca do que serão, como não há luta que, sem o freio desses mesmos valores, não prossiga indefinidamente, os messianismos hoje se defrontam e seus clamores se fundem no choque dos impérios. [...]. Não é mais a marteladas que a Europa filosofa e sim a tiros de canhão. (CAMUS, 2021a, p. 107)

Bodas em Tipasa, ao fim e ao cabo, é um esforço que antecipa muitos temas, sob uma arguição lírica, que compõem a constelação de conceitos e a seara de temas observados e trabalhados por Camus ao longo de sua carreira. O texto possui propriedades profundamente dialógicas com o cotidiano brasileiro (e do Sul Global como um todo)

no que concerne à identidade e ao sentimento de ser resto do mundo. É importante pontuar que essa ode lírico-filosófica empreendida pelo escritor argelino apaixonadamente exalta uma cultura mediterrânea – ressaltando e preservando, sobretudo, os predicados essenciais do vínculo entre o ser humano e a natureza. Os ensaios presentes na coletânea, os quais abarcam um grande arco temporal, deflagram o vazio dos bens materiais e de como a absurda condição da existência é catalisada pelos irrefletidos desertos barulhentos que são os grandes centros urbanos, como os europeus. Enfim, esse esforço, que congrega o lirismo camusiano, entremeado por temas de sua filosofia ensaística, pode ser considerado uma exposição da gênese do pensamento de Camus, pois sob a luz dos holofotes estão a Argélia, a condição absurda da vida humana, a revolta, o Sol e o mar Mediterrâneo.

Referências

CAMUS, Albert. *Bodas em Tipasa*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Record, 2021a.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2021b.

CAMUS, Albert. *A morte feliz*. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Rio de Janeiro: Record, 2018b.

CAMUS, Albert. Albert Camus' speech at the Nobel Banquet at the City Hall in Stockholm. *Nobel Prize*, 1957. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1957/camus/25232-albert-camus-banquet-speech-1957/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Recebido em: 15/08/2022

Aprovado em: 20/02/2023